



PROMETEUS - FILOSOFIA



MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA ARCHAÍ/ UNESCO

JANEIRO/ JUNHO DE 2014 - VOLUME 7 - ANO 7 - N. 15

ISSN: 2176-5960

ESCRAVOS! VERSOS FRANCESES A EPICTETO, DE JOAQUIM NABUCO

Melânia Lima Santos
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras/UFS

Este trabalho visa à apresentação de uma interpretação do livro de poemas intitulado *Escravos: versos franceses a Epicteto*, escrito por Joaquim Nabuco em 18 de março de 1886 e proferido por ele em um banquete literário, na residência de seu amigo Luiz Guimarães, a quem dedicou os versos.

O conteúdo abordado foi inspirado em um filósofo romano, chamado Epicteto, que discursava sobre a arte de viver bem e com liberdade. Seguindo os pensamentos desse filósofo, Joaquim explana acerca da escravidão na Antiguidade, fazendo um comparativo com a dos tempos modernos, demonstrando sua luta a favor da abolição da escravatura no Brasil, denunciando as injustiças e corrupção moral advindas dela.

O estudo da obra em questão necessitou de amparo bibliográfico focado na temática da escravidão e da abolição da escravatura no Brasil no período colonial. Foram utilizados NABUCO (1999), DINUCCI (2011). Além da apresentação da obra, traçaremos um breve histórico sobre a vida de Joaquim Nabuco e Epicteto.

Joaquim Nabuco

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, natural da cidade de Pernambuco, nasceu em 18 de agosto de 1849, filho legítimo de José Thomaz Nabuco de Araújo, jurista e senador do império e Ana Benigna de Sá Barreto. Casou-se com Evelina Torres Soares Ribeiro, com quem teve cinco filhos: Maurício, Joaquim, Carolina, Mariana e José Tomás. Nabuco foi político, jurista, historiador, diplomata (entre 1822 e 1889), poeta e jornalista.

Desde cedo, Nabuco esteve em contato com as injustiças da escravidão, pois viveu sua infância no engenho Massangana, localizado no Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco. A vivência neste local possibilitou-lhe a reflexão, o desenvolvimento e a construção de suas ideias acerca da abolição. Os fatos referentes à escravidão presenciados por Nabuco podem ser vistos no seu livro *Minha Formação*, escrito em 1910. Atualmente, o engenho foi tombado e transformado no Parque Nacional da Abolição.

Em 1857, Nabuco foi para o Rio de Janeiro, onde estudou no Colégio Pedro II e formou-se em Bacharel em Letras. Em 1865, iniciou seus estudos de direito em São Paulo, transferindo-se depois para a Faculdade de Direito do Recife, formando-se em 1870. Nabuco foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

O marco inicial de suas práticas contra a escravidão se deu em um tribunal, onde Nabuco defendeu um escravo cujo crime foi ter assassinado seu dono. Depois desse episódio, ele se elegeu deputado pela província de Pernambuco, mandato que possibilitou-lhe formular campanhas contra a escravidão na Câmara dos deputados em 1878. Fundou a Sociedade Antiescravidão Brasileira e foi um dos responsáveis pela Abolição da escravatura de 1888.

Em 1886, Nabuco tentou se reeleger, sem sucesso. Mas isso não o desanimou, dedicou-se a escrever diversas obras com conteúdos voltados para delatar a escravidão e fomentar a luta pela liberdade. Entre 1905 e 1910, ele foi embaixador nos Estados Unidos. Lá desenvolveu estudos sobre a obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões,

proferindo três palestras que foram posteriormente traduzidas para o português por Artur Bomilcar.

Em 1908, tornou-se doutor pela Universidade de Yale. Escreveu diversas obras, entre as quais se destacam: *Camões e os Lusíadas* (1872); *O Abolicionismo* (1883); *Campanha abolicionista no Recife* (1885); *Escravos! Versos franceses a Epicteto* (1886); *Balmaceda* (1895); *Minha formação* (1900), entre outras.

Nabuco faleceu em 17 de janeiro de 1910, na cidade de Washington, Estados Unidos.

Epicteto

Epicteto foi um filósofo grego que viveu entre os anos 55 e 135 d.C. Nasceu na cidade grega de Hierápolis, na região da Frígia, atualmente parte do território da Turquia. Ele viveu grande parte da vida em Roma, como escravo, servindo ao secretário do imperador Nero (54 – 68), Epafrodito.

Epicteto exerceu a atividade de pedagogo e de filósofo aos filhos da elite romana, o que o colocara numa condição privilegiada, embora vivesse de forma simples. Alcançou fama e reconhecimento já em seu tempo e, com isso, conquistou o respeito e a admiração de imperadores tais como Públio Elio Trajano Adriano (76 – 138) e Marcos Aurélio (161 – 180).

Suas experiências e a violência que sofreu na juventude como escravo foram o primeiro passo na construção dos seus pensamentos e reflexões acerca da liberdade. Ainda como escravo, entrou em contato com a escola estoica, onde assistiu as palestras do filósofo romano Caio Musônio Rufo, de quem se tornou discípulo.

Ao que tudo indica, Epicteto não deixou escritos. O que se sabe sobre seu pensamento se deve ao seu aluno e discípulo Lúcio Flávio Arriano, um grego com cidadania romana. Arriano transcreveu os discursos proferidos por Epicteto em suas aulas em oito livros (*As Diatribes de Epicteto*), dos quais apenas quatro sobreviveram. Além das *Diatribes*, Lúcio Flávio editou o *Encheiridion de Epicteto – Manual de Epicteto*, no qual ele fez uma síntese pessoal do pensamento epictetiano.

Sobre a libertação de Epicteto não há uma data exata: o que se sabe é que, no ano de 94 d.C., o imperador Tito Flávio Domiciano (51 – 96) expulsou os filósofos da Península Itálica. Por conta disso, Epicteto deixou Roma e rumou para Nicópolis, uma importante cidade grega, onde fundou sua escola e onde viveu até o fim de seus dias, por volta do ano 135 d.C.

Epicteto, em seus ensinamentos e em seus discursos, transmitiu seus ideais de liberdade e do viver bem aos homens de sua época de maneira simples e corajosa.

Escravos! Versos Franceses a Epicteto

Como já foi dito, a obra foi escrita em 1886 e apresentada em um banquete literário, ocasião em que Nabuco ofereceu os tais versos ao seu amigo Luiz Guimarães. Posteriormente o poema foi publicado num opúsculo em edição bilíngüe (português-francês). NO banquete literário, entretanto, Nabuco ofereceu aos ouvintes apenas um esboço do poema, já que, no momento de sua leitura, não o havia finalizado ainda.

Sobre a estrutura da obra, o texto é composto por versos irregulares, na maioria das vezes de quatro e três versos divididos em blocos numerados por algarismos romanos de I a VIII. No final do livro há um registro político, datado de 02 de abril de 1886. O texto foi escrito de forma simples, apresentado numa linguagem poética, cuja ortografia pseudoetimológica está em evidência. Em 1886, período em que os versos foram escritos, as palavras costumavam ser grafadas conforme a etimologia latina e grega devido à influência do Romantismo, em que se procurava imitar a origem por meio do francês.

Com o intuito de facilitar a leitura do texto, recorreremos à edição modernizada, em que as atualizações foram realizadas pautando-se nas normas ortográficas atuais. A edição tem como papel principal o de reconstituir o texto, facilitando a sua compreensão e, ao mesmo tempo, desvendando os traços da cultura de um povo. Tal procedimento, portanto, “tem por finalidade restituir ao texto a sua genuinidade, facilitar a sua leitura, torná-lo inteligível, valorizá-lo e permitir à crítica literária o exercício de sua tarefa” [...] Toda e qualquer restauração de um texto pressupõe do editor uma soma razoável de conhecimentos. (SPINA, 1977, p. 80).

Importante salientar que a obra usada, em suporte digital, é uma cópia fiel do documento original.

A seguir, a apresentação dos versos em língua portuguesa.

ESCRAVOS! A EPICTETO.

I

Uns após outros, os séculos tornaram-se os clarins do teu áspero Evangelho, e, no entanto, a raça dos Humanos é ainda fabricada, ao sol, da mesma argila, cujos produtos dourados quebravam-se entre tuas mãos.

Ella é a mesma sempre. Qualquer que seja o vidro que a revista, ela absorve tanto o desejo de ser feliz, como quando tu recusavas, exercendo a Censura dos Deuses, guardá-los nesse barro poroso.

Não, o kaolino, branco, puro, translúcido, — destroço de nações, obra prima do acaso, endurecido para conservar o dever ao fogo do suicídio, — como em um Epicteto, escravo, em um Marco-Aurelio, César.

Ninguém soube o segredo desses Vasos Mirrinos... Os deuses os descobriram, e os levaram... Eu falo do lodo humano, da terra de que saem aos milhares os nossos corações e os nossos espíritos.

II

Quando Zeno, procurando um lugar, em Atenas, onde ensinar a Virtude e a obediência aos Deuses, e onde o povo pudesse beber d'essas grandes fontes, parou, para refletir, no Pórtico odiado, —

Onde, entre os relâmpagos do divino Polignoto, acendendo, em redor, os grandes Mitos Sagrados, ouvia-se gemer e palpitar a nota da Pátria, de luto, chorando os filhos mortos,

Sua alma estremeceu de indignação santa, á lembrança do morticínio que havia tornado deserto por tanto tempo esse

Santuário da Grécia, o recinto glorioso (das tradições nacionais) onde os Pintores haviam excedido aos Heróis...

Mas, logo ela voltou ao seu equilíbrio sereno... Mestre de uma doutrina, sem igual em todos os tempos — a única Liberdade digna do homem Livre! — ele ficou cinquenta anos á sombra do Poecilo.

E, como se viu a cruz infame do Calvário tornar-se um Símbolo Humano, enternecedor, a mais nobre, mais forte e mais severa de todas as fés, — a estóica — nasceu assim, como uma flor, do sangue.

III

Oh, o Brasil inteiro é como o Pórtico, — onde brilhavam os combates sangrentos e radiosos das Amazonas, no território santo da Atica, Virgens que se atreviam a levar a guerra aos Semi-deuses, —

Ostentando sobre as suas paredes cobertas de coroas, esses granitos de púrpura que as florestas subiram, em suas lages de flores, através as suas colunatas de palmeiras, no seu frontão — o céu cor de rosa do estio,

a apoteose ardente e embriagadora da Terra, Amazonas e Virgem, de seios numerosos, que o Sol apaixonado fere no flanco, e envolve em flechas de vencedor e beijos de amante.

Mas como no Pórtico, um fantasma o persegue... Também ele é um campo de mortandade e tem lugares amaldiçoados. Uma Sombra vingadora, implacável, errante, lança sobre o seu esplendor interditos sombrios.

69

Não, a carnificina, um dia — como o trovão que rebenta — dos Valentes, cinzeladores da sua própria sorte, morrendo mortes de Deuses, taças de ouro que á roda os convidados passam uns aos outros, alegres, coroados de flores.

A vida é nada para o Ateniense, o discípulo de Sócrates; ele está sempre pronto a atirá-la, como um disco, vibrante do seu ultimo amor, tão longe que ele vá cair cercado de louros.

A matança aqui não tem esses reflexos róseos... É como se os ventos soltos do Inferno deixassem em sua passagem

todas as flores desabrochadas mortas, mortos todos os ninhos,
todos os recém-nascidos mortos.

IV

É a escravidão dos Negros! a Escravidão Moderna! mil
vezes mais vergonhosa, mil vezes mais sanguinária, do que no
tempo em que Nero saía da taverna, tendo "por archote resi-
nosso o escravo, que ardia...

Do que no tempo em que o escravo servia de alimento
às moréias, em que a única bandeira para o proteger era a
Cruz servil do suplício, e vendo-o estendido, nu e moribundo,
na Arena, as mulheres exclamavam: «Grande Júpiter! como
ele é belo!»

O homem-escravo de então era igual ao senhor. Bravo,
artista, eloquente, poeta, criador; Bárbaro, cujo coração livre
podia renascer, ele foi o Gladiador, e foi o Mártir.

Muitas vezes Legiões afogaram-se em suas ondas, e somente
Cônsoles os teriam podido dobrar! A raça deles hoje gover-
naria o mundo, e os nossos senhores seriam os seus libertos...

71

Não, esses não eram escravos pelo coração, a quem Ro-
manos levavam após si como Vencidos; esses, cuja alma estava
toda coberta das lavas do grande vulcão antigo — o sangue
de Spartaco.

Os nossos escravos, ó deuses, como a escravidão é covarde!...
não são prisioneiros, homens livres do Norte, tendo no co-
ração o ódio e nas mãos o machado, e só rendendo-se, con-
quistados, ao Direito Bárbaro da força.

A escravidão hoje em dia é a grande mina de carvão...
Subterrânea, profunda, com os seus quadrados escuros... Onde
se desce, imenso formigueiro, por uma ponte de soluços, for-
mada de corpos em arco.

Anda-se aí pelo tato, á luz somente das lagrimas... Em
baixo não se acende, n' esse corredor extenso, uma só con-
sciência. Só se ouvem alarmes... É o medo da explosão da
hulha que dorme...

Porque essa massa escura, que se vê no fundo das galé-
rias, onde nenhum clarão penetra e não sopra nenhum vento,
essas crianças tristes, essas mulheres infamadas, esse montão de
gente, é o Carvão Vivo...

Jazendo no subsolo, em camadas de sofrimento... sem
pressentir que ele é um povo a desabrochar; assim como o
carvão de pedra, inerte, frio, preto, ignora que se vai tornar
força, calor e luz.

Braços, corações, seios e almas... em brasas... Uma raça
a arder, Auto da fé imenso... Combustível humano atirado á
fornalha do Moloch Canibal, e do sangrento Café!

73

VI

Oh, é horrível de dizer, mas é preciso que se leia. O
nosso grande mercado, é esse mercado negro... Perto do trono,
no senado, nos tribunais, na Igreja, os Negreiros, em toda a
parte levantaram os seus talhos.

É o mercado de um povo em proveito de uma Casta; onde
o forçado compra a criança que lhe agrada, d'onde o cobarde
leva consigo o bravo, o vicioso leva a pura, que, se for Mãe,
não terá mesmo direito ao seu leite.

Grande feira de sangue, onde se vende por bocados uma
raça que acaba de ser abatida inteira... onde o padre de Deus,
depois que disse a Missa, e levando debaixo do braço os pesos
usurários de Shylock,

Percorre sem estremecer as imundas barracas em que se
faz o retalho, almas, de vossa carne... Ele, com o magistrado...
ambos simoniacos, mas achando que o preço das mulheres é
muito caro.

VII

É que esses entes plásticos e dúcteis, a quem se dá a
forma, como á argila, no fogo, esses « fôlegos » humanos que
vão ser vazados em répteis, esses cadáveres atirados aos campos
em vez de esterco...

É que esse povo, com o olhar embaciado de medo, ú-
mido das lagrimas que escondeu, não é o escravo antigo, cujos

braços agarravam, nus, o leão da Numidia, e cujo coração resistia ao fogo Estóico...

O dono o cegou, segundo o costume selvagem dos Scythas, para que ele não pudesse contar quantos eles são... Águia perseguida pelo abutre, sem saber que é águia, ele entrega sem combate... os filhos ao ultraje.

75

VIII

É assim que, através da distancia que nos separa, tu te sentes acordar no fundo do teu sepulcro, pelo gemido articulado em um Latim bárbaro, de escravos, como tu eras, em um Mundo que não conheceste,

Milhões, acreditas? — negras Cariatidas sustentando um Império, ampla, enorme mortalha! — que te mostram os seus corpos — obra das Fúrias, a ti que, escravo, soubeste ser o único homem livre.

Mas não, para aprenderam a arte serena de sujeitar-se ao desprezo que recebem daqueles que eles enriquecem, e de mostrar aos Deuses, eretos sob o açoite do senhor, uma frente que lhe perdoa e que os reflete,

Porque só tu que possuístes essas duas grandezas augustas, que fazem d'entre. todos os cumes, do teu o mais alto: pobre, enfermo, coixo, de. proclamar os Deuses justos; Escravo, de libertar a alma humana inteira!

Mas, sim, para te pedir, ó Phrygio, um milagre, a ti de quem o grande Marco-Aurelio tinha amor em ser discípulo, e que foste para elle, o mais nobre dos reis, o oráculo que lhe transmitiu toda a vida as respostas dos deuses.

Faze ao Brasil inteiro, grande Escravo, esta esmola: Deixa o teu espírito, que brilha, imortal na noite do erro, dissipar ainda uma vez as trevas de um trono, e lançar ainda um reflexo à frente de um Imperador!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DINUCCI, Aldo. *Joaquim Nabuco, Epicteto e a abolição da escravatura*. IN: Fênix, vol. 8, n. 1, 2011.

DINUCCI, Aldo & JULIEN, Alfredo (Orgs.). *Epicteto: fragmentos e testemunhos*. Trad. Aldo Dinucci e Alfredo Julien. São Cristóvão: UFS, 2008.

ARRIANO, Flávio. *O manual de Epicteto*. Trad. Aldo Dinucci. São Cristóvão: UFS, 2008.

NABUCO, Joaquim. *Escravos! Versos Franceses a Epicteto*. Rio: Leuzinger & Filhos, 1886.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. 13ª ed. Prefácio de Evaldo Cabral de Melo. Rio: TopBooks, 1999, p. 243

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.